

CONTEXTO AUGÚSTEO NA
POESIA HORACIANA EM *ODES* 3, 23

Airto Ceolin Montagner (UFRRJ)
airtomontagner@globocom.com

Augusto faz passar para a imaginação coletiva da posteridade que seu governo representa um mundo pacificado: mundo harmônico, ativo, bem administrado e capaz de valorizar o trabalho de todos. Isto se justifica na medida em que seu governo sucede a um período de guerras civis, em que reinaram o terror e a devastação. Governou como um tirano absolutista, mas sabiamente mantendo a fachada republicana. Não discutiu a sociedade, mas estabeleceu políticas públicas voltadas para a produtividade, principalmente dirigidas à classe média. Assim, desenvolveu-se o comércio e as atividades manufatureiras. No setor agrícola, propriedades latifundiárias especializavam-se na produção de frutos, oliveiras, mas também pastoris. Na Sicília e em algumas províncias, cultivavam-se os grãos que proviam Roma. Na base da sociedade estavam os trabalhadores do campo e das fábricas. Eram escravos, mas também cidadãos livres, que praticavam serviços sazonais. Todavia, cerca de um quinto da população de Roma era de proletários, mantidos pelo estado mediante a distribuição de grãos e distraídos com os espetáculos circenses.

Nesta época, também ocorreu certa emancipação feminina nos setores da classe elevada, pois muitas mulheres passaram a gerir seus próprios negócios, a despeito de a lei romana submetê-las à autoridade dos pais.

Houve também uma tendência de liberação dos escravos que, uma vez libertos, adquiriam a cidadania romana e mostravam-se a classe mais produtiva no campo econômico.

As transformações políticas e econômicas fizeram surgir prósperos e amplos grupos de indivíduos de cidadania não romana, o que, certamente, acentuou a crise do *mos maiorum*, já esboçada no período republicano. Augusto, quase inutilmente, provê leis que incentivem a instituição do casamento e incrementem os nascimentos, protegendo principalmente os cidadãos de cepa latina ante os estrangeiros. Também a religião romana tradicional perde sua importância e, com isso, muitos ritos orientais ganham espaço em Roma. O formalismo dos ritos tradicionais vem

substituído cada vez mais por uma relação direta em que os indivíduos solicitavam a proteção de um deus através de ritos e preces.

Talvez, uma das intervenções mais eficazes da política de Augusto tenha ocorrido na cultura e nas artes. Deve-se assinalar que tal intervenção contribuía também para a sustentação do próprio imperador. Augusto compreendeu que a literatura e as artes podiam ter o papel de celebrar e perenizar o próprio poder e o da civilização romana e, por isso, investiu na sustentação dos artistas, garantindo-lhes a sobrevivência e a dedicação exclusiva em favor das letras e das artes. Para tanto, serviu-se de um nobre de origem etrusca, Gaio Cíncio Mecenas, uma espécie de ministro da cultura e colaborador de Augusto, desde a época das guerras civis. Foi Mecenas o descobridor dos maiores talentos, como Virgílio, Horácio, Propércio, Vário Rufo, Quintílio Varão, Plócio, entre outros. Formou o assim chamado Círculo de Mecenas. Outros círculos independentes se formaram, financiados por homens ricos e amantes da cultura. Os mais conhecidos são o de Marco Valério Messala Corvino reunindo amigos como Tibulo, Ovídio, Ligdamo e Sulpícia. E também o círculo de Gaio Asínio Polião, historiador, crítico literário e orador.

Nesse período, observa-se também uma diferenciação no público receptor das artes. O teatro e a oratória, que anteriormente haviam visto florescer fruidores de todas as classes sociais, deixaram de ser essenciais. O imperador tentou proteger o teatro literário, incentivando a construção de teatros, como o de Balbo e o de Marcelo. Mas o público das classes populares se voltou quase que exclusivamente para os espetáculos esportivos do circo e para as exibições dos gladiadores no anfiteatro. Outros preferiam os espetáculos de mimo, reduzido a apresentações de acrobacias e desnudamentos, e a pantomima, espetáculos de música e dança. Entre as pessoas incultas, faziam sucesso as narrativas pornográficas, conhecidas como *fabulae Milesiae*, das quais não permaneceu registro escrito.

Os textos literários foram endereçados a leitores cultos, principalmente aos colegas dos círculos. Algumas dessas obras ganharam difusão ampla, entrando nas escolas e tornando-se conhecidas inclusive entre os leitores menos cultos, como é o caso da *Eneida* de Virgílio. A oratória política cessou quase completamente, mas a judiciária tendeu ser cada vez mais um assunto de especialistas.

No período augústeo, as obras literárias ganharam dois novos meios de difusão, ambos por iniciativa de Asínio Polião. O primeiro de-

les compreende a fundação da primeira biblioteca pública em Roma, em 39. a.C., no *Atrium Libertatis*, seguindo modelo existente em muitas cidades gregas. O segundo refere-se à invenção de um novo tipo de espetáculo, as *recitationes*, leituras públicas de obras recentes, geralmente lidas pelos próprios autores numa sala privada, diante de um público de entendedores. Seguindo o exemplo de Polião, Augusto abriu duas bibliotecas públicas: uma no templo de Apolo, sobre o Palatino, a outra no pórtico de Otávia.

Essas iniciativas acabam por incentivar a abertura de lojas de livreiros, que vendiam cópias manuscritas de obras de sucesso, cópias geralmente realizadas por escravos cultos.

No campo da educação, a escola permanece nas mãos de professores privados, que ofereciam seus conhecimentos em espaços públicos, em troca de pagamento. O fundamento básico do ensino era a retórica, em épocas anteriores aprendida no contato direto com bons oradores e advogados, mas agora tornada uma disciplina escolástica. Ali, os alunos aprendiam a elaborar *suasoriae* (discursos de persuasão) e *conroversiae* (discussões entre dois antagonistas). Já a educação civil e militar foi patrocinada por Augusto com a fundação dos *Collegia iuvenum*, espécies de círculos em que os jovens das classes mais elevadas se exercitavam e aprendiam a carreira de futuros oficiais do exército.

No que diz respeito aos gêneros literários cultivados, podemos citar grandes autores em diversos deles. Na prosa, ocorre o quase desaparecimento da oratória deliberativa, em consequência da perda da liberdade política, mas permanece a oratória judiciária. Mesmo assim destacam-se dois autores: Cassio Severo e Tito Labieno. Mas é na historiografia que a prosa alcança maior desenvolvimento, bastando citar aqui, entre muitos, o historiador Tito Lívio.

No campo da tratadística técnico-científica, conhecem-se os tratados de Pompeu Trogo sobre botânica e zoologia. Vitrúvio escreveu *De Architettura*, baseado em suas experiências como arquiteto.

No entanto, foi a poesia que alcançou maior desenvolvimento, atingindo o florescimento máximo na época de Augusto. A épica e a sátira atingiram altíssimo nível; codificou-se a poesia bucólica e a elegia, espécie lírica que adquiriu particular importância. A poesia didascálica também atingiu importância desenvolvendo conteúdos muito originais.

A épica alcança seu apogeu com a *Eneida* de Virgílio, que renova o gênero inicialmente importado da Grécia por Névio e Ênio. Outras obras épicas não chegaram até nós e das quais sabemos apenas o título, como são os casos de *Amazonis*, de Domício Março e a *Theseis* de Albinovano Pedão. Também poemas épicos foram criados por Cornélio Severo, do qual nos resta a passagem que narra a morte de Cícero.

Cabe a Virgílio também desenvolver a poesia bucólica, com as Bucólicas, e servindo de modelo a Calpúrnio Sículo, entre outros.

A sátira, que teve como fundador Gaio Lucílio, II a.C., encontra sua formulação clássica com Horácio, que, muitas vezes, mistura sátira e epistolografia.

O gênero lírico atingiu seu máximo florescimento na época de Augusto nas *Odes* de Horácio. A elegia, nascida na Grécia no século VII a. C., caracterizada essencialmente pelo uso do dístico elegíaco, comportava uma temática diversificada: fúnebre, exortativa, patriótica, guerreira, amorosa. Foi introduzida em Roma por Catulo, mas atinge sua codificação original no período augústeo, com inspiração advinda da poesia helenística e principalmente de Calímaco. A elegia, tida como um gênero menor, vem formalmente muito elaborada e usufruída pelos poucos apreciadores cultos. Caracterizar-se-á como elegia erótica, incluindo-se a homoerótica. Elegíacos importantes são Ovídio, Propércio, Tibulo, Cornélio Galo, uma das poucas vozes femininas da Antiguidade, Sulpícia, neta de Messala, a qual cantava Cerinto, reivindicando também pra as mulheres o direito de amar.

Falaremos um pouco sobre as Odes de Horácio e, a seguir, sobre a Ode 3, XXIII. Suas *Odes / Carmina* compõe-se de quatro livros ou 103 poemas breves, inspirados principalmente em Alceu e Safo. Aborda temática variada, como a amizade, o amor (que nunca é uma paixão desmedida, mas um jogo galante, terno e sorridente), as vivências cotidianas (viagens, banquetes, encontros), o bom vinho, a serenidade da natureza, o aconchego do lar nas frias noites inverniais. De fundo temático epicurista, exorta a saber viver as alegrias da vida mesmo ante a melancólica efemeridade das coisas, principalmente a brevidade da existência e, em particular, da juventude. São muitas as odes que se apresentam como um conselho dirigido a um interlocutor jovem ou a uma jovem, a um amigo, a um escravo, a fim de exortá-lo a viver com equilíbrio e sabedoria sem ilusões.

Cabe ressaltar também que Augusto confiou a Horácio a criação do hino intitulado *Carmen saeculare*, que devia acompanhar o momento

culminante da celebração do ano secular, ocorrido em 17 a. C. A partir desta solicitação, Horácio realiza seis composições do livro III, das *Odes*, que são chamadas de odes romanas. São composições em estrofes alcaicas, mas inspiradas em Píndaro (518-446 a. c.), constituindo as poesias celebrativas a exaltarem solenemente os valores éticos e civis de Roma e o seu destino.

Outros poemas inserem-se no programa augústeo, mas de modo indireto, uma vez que os valores incentivados pelo maior dos líricos romanos também fazem parte da estratégia de Augusto em dar ênfase aos valores da tradição romana, como o *mos maiorum*, já bastante enfraquecido em razão da grande afluência a Roma de pessoas de origem não romana e também em razão dos desgastes atribuídos a uma longa guerra civil. Paralelamente à crise do *mos maiorum*, também se acentua a perda de importância da religião tradicional, com a difusão do ceticismo entre as classes mais cultas e à difusão de ritos orientais baseados em preces que colocavam o indivíduo numa relação direta com seu deus, dispensando os rituais. O poema transcrito abaixo deixa entrever, através da camponesa Fídila, a visão horaciana sobre o procedimento e as preocupações dos homens em relação aos deuses.

Carm. 3, XXIII

Caelo supinas si tuleris manus
Nascente Luna, rustica Phidyle,
Si ture placaris et horna
Fruge Lares avidaque porca,
Nec pestilentem sentiet Africum
Fecunda vitis nec sterilem seges
Rubiginem aut dulces alumni
Pomifero grave tempus anno.
Nam quae nivali pascitur Algido
Devota quercus inter et ilices,
Aut crescit Albanis in herbis
Victima, pontificum secures
Cervice tinget. Te nihil attinet
Tentare multa caede bidentium
Parvos coronantem marino
Rore deos fragilique myrto.
Immunis aram si tetigit manus,
Non sumptuosa blandior hostia
Mollibit aversos Penates
Farre pio et saliento mica.

Tradução:

Se, na lua-nova, levantas tuas mãos
suplicantes ao céu, rústica Fídila,
se ofereces aos deuses Lares incenso,
espigas do ano e uma porca glutona,
tua vinha fecunda não haverá de sofrer
com o sopro infectado pelo vento Áfrico,
teu trigo não será ressecado pela doença,
teus cordeiros e teus novilhos nada temerão
da estação dos frutos, tão maligna.
A vítima que se engorda para o sacrifício
perto das neves do Álgide,
no meio dos carvalhos e das azinheiras
ou nos pastos dos montes albanos
tingirá com seu sangue a haste dos pontífices.
Mas tu, tu não tens de solicitar, às humildes divindades
que coroas com o alecrim e a frágil murta,
através do sacrifício de animais de dois anos.
Se a mão que toca o altar é inocente,
não é preciso uma vítima cara
para ser mais agradável aos hostis Penates;
o trigo oferecido com piedade, o sal crepitante
são suficientes para apaziguá-los todos.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFIAS

CICADA, Piero e BARONI, Raouletta. *Sintesi letteratura latina*. Milano: Avallardi, 2003.

CONTE, Gian Biaggio e PIANEZZOLA, Emílio. *Storia e testi della letteratura latina, con pagine critiche*. Firenze: Le Monnier, 1995.

HORACE. *Oeuvres complètes: odes et épodes*. Paris: Librairie Garnier Frères, 1950.

NORWOOD, Gilbert e DUFF, J. Wight. *Escritores de Grecia y Roma*. Versión del inglés por Emílio M. Martínez Amador. Barcelona: Gustavo Gili, MCMXXXVIII

ROSTOVTZEFF, V. *História de Roma*, Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SCHMIDT, Peter Lebrecht et WLOSOK, Antoine. *Nouvelle Histoire de la littérature latine*. Paris: BREPOLS, 2000.